

# A DESVENDAR O MUNDO

GONÇALO CADILHE PERCORREU O MUNDO DE MOCHILA, REVELANDO AO PAÍS ESTÓRIAS DESCONHECIDAS. VIAJANTE PROFISSIONAL, COMPREENDEU DESDE CEDO QUE QUESTIONAR AS REALIDADES DISTINTAS DE UM MESMO PLANETA FARIA DE SI UM SER MAIS ESCLARECIDO, COMPLETO E FELIZ.

TEXTO SARA RAQUEL SILVA  
FOTOS LUIS PITEIRA/AFFP

 <http://revista.gingko.pt>

Nasceu na Figueira da Foz há 43 anos. Apaixonado pelo surf, que praticava na praia de Buarcos, cedo entrou em contacto com jovens vindos dos Estados Unidos, África do Sul ou Austrália para quem viajar, antes de entrar no mercado de trabalho, era tão natural como respirar. Gonçalo Cadilhe, adolescente que pouco mais conhecia do que a cidade onde nascera, percebeu que “havia muito para além do lugar asfixiante que era o Portugal dos anos 80”. E, entusiasmado com o caleidoscópio de realidades exteriores ao seu lugarzinho à beira-mar plantado, convenceu o pai a assinar uma revista de surf americana, com a qual não só se tornou fluente em inglês, mas também descobriu a profissão que lhe parecia caber à medida: jornalista de viagens. Ainda estudante – licenciou-se em Gestão

de Empresas, por não saber que mais escolher – começou a palmilhar o mundo de mochila às costas. E a ganhar o gosto por culturas distintas, formas de estar e pensar que o poderiam elevar como ser humano. “Reparei que Portugal estava atrasado 20 anos relativamente ao resto do mundo, e que o mercado de escrita de viagens haveria de cá chegar”, recorda. “Mas vivi uma década com zero de liquidez à espera que o país me permitisse este tipo de profissão. O mercado acabaria por pedi-lo e assim foi”. Trabalhou nas vindimas, foi operário num estaleiro naval, empregado de mesa, tocou guitarra em bares, dormiu ao relento. Juntava dinheiro a trabalhar poucos meses nos países ricos, que esticava em viagens por países pobres ou onde poucos se aventuravam. Alguns destes destinos eram cenários de guerra. Chegou a

dar a volta ao mundo sem recorrer a transportes aéreos. Até que a perseverança e a audácia deram frutos. Hoje é autor de numerosos livros, documentários e artigos de viagem editados em revistas como a extinta *Grande Reportagem* e a revista *Única*, do *Expresso*. Está a preparar uma nova publicação sobre o percurso de um outro curioso, viajante e cronista português, Fernão Mendes Pinto, e acabou de lançar mais uma obra sobre as suas odisséias, *Encontros Marcados*. Andarilho profissional, escreve para viajar, viaja para escrever. É a sua vocação e não concebe outra forma de vida.

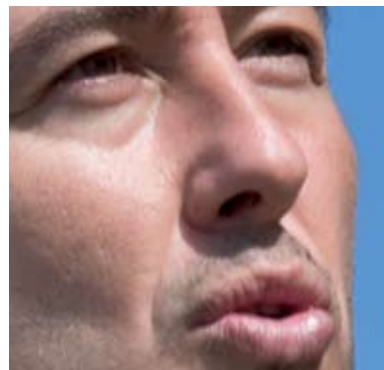
**Por que afirma que quem viaja torna-se melhor e mais feliz?**

Quando se tem um emprego, o quotidiano pode tornar-se na repetição de uma fórmula. Às tantas nem

Aos 43 anos Gonçalo Cadilhe afirma: “Sinto-me feliz com tudo o que me faz sentir mais divino, como o surf, a música, as viagens...”



“O turista leva o olhar que tem consigo, o viajante está disposto a adquirir olhares novos”



se pensa. Quando se viaja é como regressar à idade das cavernas, nada é facilitado. É estar continuamente em contacto com o desconhecido. Os sentidos ficam mais apurados, o raciocínio mais afiado, as reacções mais rápidas. Surgem dificuldades recorrentes que nos ajudam a compreender melhor quem somos. Claro que é um processo cansativo e intenso, mas gratificante. Quando termina deixa-nos mais seguros, mais conscientes de quem somos, com novas amizades e novos interesses na vida, consequentemente mais felizes. Pelo menos esse é o tipo de experiências que procuro divulgar.

**Uma viagem, nesse sentido, é o melhor alimento não só para a alma, mas também para o intelecto...**

O que é dogmático tende a fechar o raciocínio. Tudo o que está em aberto obriga-nos a pensar. O que acontece em países para os quais olhamos como uma miragem, à semelhança dos escandinavos ou dos Estados Unidos, é que os jovens à procura de emprego com excelentes notas perdem para os que têm experiência como viajantes, embora com notas menos brilhantes. Aqui em Portugal é o inverso. Se alguém olha para o currículo de quem aos 25 “apenas” viajou, pensa logo que se trata de um malandro. Nós não

precisamos de mais doutores, precisamos de gente com mundo.

**Começou a viajar muito jovem. O que é que mais o marcou na altura?**

Percebi que o que cá dentro é verdade lá fora pode ser anti-verdade. Por exemplo: na Índia milhões de pessoas são hindus, na China outros milhões são taoistas ou budistas, no Islão são muçulmanos, em África não sei quantos milhões são animistas. Ou seja: em termos estatísticos há cerca de 1/5 de probabilidade de a religião cristã ser realmente a verdadeira. Quem viaja tem obrigatoriamente de comparar, e compreende que não existem verdades absolutas.

**Ganhou sabedoria e perdeu certezas...**

Em miúdo achava que Portugal era o melhor país do mundo e a Figueira da Foz a melhor cidade para se viver. Hoje penso que o país perdeu rapidamente aquilo que tinha de bom e único. Vendeu a alma para uma modernidade que não trouxe melhorias. Por que é que os cafés portugueses parecem morgues de mármore e alumínio, ou então museus em que tudo é pago a preço de ouro, logo, apenas frequentados por turistas?

**Mas regressa sempre. Afirma que**

**só assim é que cada viagem tem sentido e a vida não se torna uma fuga sem pontos de referência.**

Não se trata de uma decisão pensada. Eu tenho os meus projectos profissionais e quando os termino regresso para o local onde posso dar início a outros. Mas é claro que estou programado cultural e geneticamente para sentir que pertenço a Portugal, da mesma forma que um congolês achará que as suas raízes estão no Congo e um albanês na Albânia. O melhor prato do mundo para mim, isso está-me nos genes, é um bacalhau cozido regado com azeite. Para um chinês será cão guiado ou miolo de macaco. O chinês não me conseguirá convencer que a China é o melhor lugar para se viver. Aliás, a minha relação com Portugal recorda-me aquela canção sobre a democracia, do Sérgio Godinho: “É o pior de todos os sistemas à excepção de todos os outros”.

**Por que optou por viajar sozinho?**

Quem viaja acompanhado fecha-se no grupo, acaba por carregar o que tinha cá. Quem viaja sozinho abre-se ao mundo. Se queremos que algo aconteça não podemos levar companhia. Há sempre lugar para mais um numa mesa de seis ou sete. Por outro lado, quando os autóctones encontram um viajante só, perdem

mais facilmente a timidez, metem conversa e facilitam situações de contacto com o outro. E, em termos práticos, quem me pode acompanhar em projectos que chegam a durar 19 meses?

**Nunca é invadido pela solidão?**

A solidão não tem nada a ver com estar ou não sozinho. Tem a ver com o que trazemos dentro de nós. E eu não sou uma pessoa de trazer solidão dentro de mim. Tenho uma série de interesses culturais e hobbies que me mantêm ocupado. Faço-me imensa companhia.

**Qual é a sua estratégia para manter uma estrutura mental e emocional equilibrada longe da família, velhos amigos, paisagens com história?**

O ser humano é um animal de hábitos. Habitamo-nos e aprendemos a ser felizes. O país está cheio

de gente dependente de ansiolíticos. Mas, se eu vivesse na lua e olhasse para baixo, acharia que os portugueses só têm razões para ser felizes, comparativamente com 90% da Humanidade. O problema

**“A SOLIDÃO TEM A VER COM O QUE TRAZEMOS DENTRO DE NÓS E NÃO COM O FACTO DE ESTARMOS SOZINHOS. EU FAÇO-ME IMENSA COMPANHIA”.**

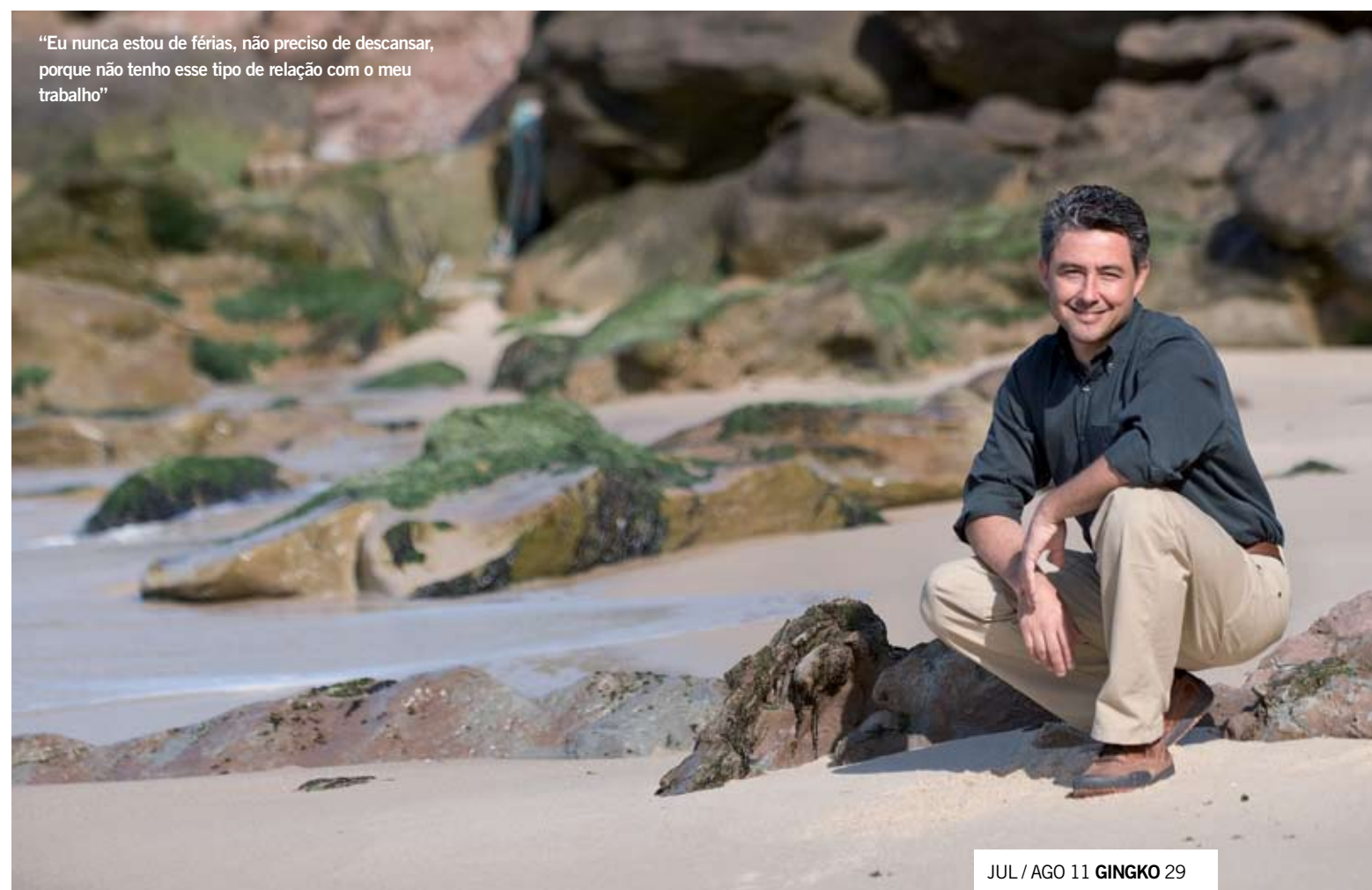
é que a maior parte das pessoas imita modelos que lhes são alheios e não compreende que ninguém é aquilo que tem. O importante é o

modo como nos sentimos connosco, com aqueles que escolhemos para partilhar a vida, e a capacidade que temos de encontrar o que nos faz felizes. Não somos o que temos, mas o que está dentro de nós.

**E o que é que o faz feliz?**

Tudo aquilo em que me sinto menos animal e mais divino. Cada vez mais é a música e o contacto com o mar. Após 30 anos o surf mantém-se importante pela sensação de serenidade que me dá. Sou feliz por fazer o que gosto e pelo facto de ter liberdade para fazê-lo. Às vezes perguntam-me com o que me ocupo quando estou de férias. Eu nunca estou de férias, porque isso pressupõe que preciso de descansar e eu não tenho esse tipo de relação com o meu trabalho.

**As viagens, quando acompanhadas**



**“AQUILO QUE NOS FAZ FELIZ É O QUE SE CONSTRÓI DENTRO DE NÓS E DÁ UMA ESTRUTURA SÓLIDA PARA VIVERMOS COM QUEM ESCOLHEMOS PARA PARTILHAR A VIDA”**

**de um olhar curioso, deixam marcas indeléveis. Como seria o Gonçalo hoje sem toda essa experiência?**

Ninguém tem o direito de pensar naquilo que poderia ser e não é. Está a desperdiçar energia e perde o melhor da vida, que é vivê-la. Nós devemos é ter coragem para seguir os nossos sonhos e não compactuar com o que a sociedade estabelece como correcto: um emprego para a vida, a procura da estabilidade... Se eu tivesse nascido nos anos 50 e chegado ao mercado de trabalho nos anos 70, sem hipóteses de concretizar o sonho de viajar, provavelmente chegaria aos 90 anos certo de que essa opção não teria sido possível, e estaria em paz. Agora, com todas as oportunidades que me surgiram, provavelmente seria uma pessoa frustrada e infeliz se não tivesse viajado. Ou talvez não. Poderia ter fundado uma família fabulosa ou construído uma carreira fulgurante... Só lhe conseguiria responder se tivesse existido um outro eu.

**Qual o conselho que daria a um viajante em início de carreira?**

Em terra onde estiveres fazes como vires fazer. É a regra número um para que a viagem seja um encontro e não um espelho do próprio ego.

Só assim podemos saltar do nosso mundo, colocarmo-nos na pele do outro, perceber o universo através dos seus olhos. É a diferença entre o viajante e o turista. É verdade que ambos viajam, mas o turista leva o olhar que já tem consigo; o viajante está disposto a adquirir olhares novos. É também uma ótima regra de segurança. Se me disserem que não se sai a pé numa zona da cidade depois das 22:00, então não saio.

**Perceber esse outro universo deve ter significado muitas vezes presenciar situações de miséria extrema e tentar seguir caminho sem se deixar afectar demasiado...**

O que importa é entender que as situações, as conjunturas e a teia de relações sociais de um país não caem do céu. Têm uma tradição, uma crença religiosa, uma história. Vi na Índia uma criança a enxotar um cão de uma lixeira para ir comer os restos que o cão tinha detectado. Devo sentir-me incomodado? Estou numa sociedade que acredita na reencarnação e no mérito — quanto menos protestares pela tua miséria nesta vida, melhor reencarnarás na próxima. E eu é que vou tentar interferir nisso? Esse é um dos grandes logros do imaginário dos aspirantes a viajante — o da experiência do voluntariado.

**Já não caminha com o mesmo gosto de mochila às costas, nem encara com o mesmo entusiasmo a possibilidade de passar noites a dormir em carrinhas velhas aos solavancos. A curiosidade por outras realidades foi esmorecendo com o tempo?**

Não. O que acontece é que preciso de mais tempo no mesmo lugar para satisfazer a minha curiosidade.

Tem mais a ver com refinamento e requinte. Hoje já sei que me interessa menos ir ao Dubai, a Miami ou às Seychelles do que repetir Veneza. Com a idade percebemos que não temos muito tempo e somos mais assertivos. Cada vez mais me fascinam as marcas deixadas por uma cultura em determinado território. Por esse motivo, por exemplo, prefiro o Médio Oriente aos paraísos artificiais.

**Então o primeiro viajante profissional português nunca se sedentarizará?**

Num dos capítulos do *África Acima* conto que vou saltando de transporte em transporte ao longo dos Camarões, e pergunto a todo o momento a que horas chegamos. Pergunto ao revisor do comboio, ao taxista que atravessa a cidade, ao condutor da moto que me dá boleia, ao motorista do autocarro para a Nigéria... As respostas são evasivas, do tipo “certamente já depois do pôr-do-sol”, ou “nunca antes das 15:00”. A melhor foi o muçulmano irritado que me respondeu: “Essas coisas não se perguntam, o futuro só Alá é que sabe!” (risos)

**Carregar uma mala é ainda um prazer.**

Viver é um prazer. A vida é a viagem.

**E qual é a que ainda lhe falta fazer?**

A viagem à beleza perdida do mundo: à Dresden antes dos bombardeamentos, à China antes da Revolução Cultural, à Mesquita de Córdoba antes da Reconquista Cristã, ou ao Algarve antes da especulação imobiliária. ■

“Com a idade percebemos que não temos muito tempo e somos mais assertivos. Cada vez mais me fascinam as marcas deixadas por uma cultura em determinado território”

